REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte.	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).....	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro e India	5$000	2$500	-$-	-$-

37.º Anno — XXXVII Volume — N.º 1296

30 de Dezembro de 1914

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento a Jesus, 4

Composto e impresso na Typ. de Cesar Piloto

Largo de S. Roque, 11 e 12

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos

NATAL

A Adoração dos Magos

Quadro de François Albani

(Coleção Moreira Freire)

Cronica Occidental

Silencio... Bençam... Recolhimento...

Noite de Natal!

As doze badaladas batem no sino da torre compassadamente — e cada som que esvôa em ondulas espaço imenso em fora, acorda, em graça, na alma, recordações. Infelizes daqueles que não nas têem agora e nestes momentos de tristeza sem fim, incertos do presente, sem esperança no futuro, olham os tempos do seu passado sem evocação nem crença... Homens sem fé—entretanto dentre eles, por certo, nenhum deixa de recordar-se das festas, mimadas e carinhosas, que alumiavam de religiosidade e alegria a casa, a saudar o nascimento do menino-deus — festas santas da familia, seroadas divinas da amisade, que davam ritmos de poesia á voz e encantamentos de prece ao silencio meigamente evocativo da saudade.

E a estrelia da guia, que começava de alteiar-se nas horas tardas da noite e era luz de infinito gloriosissima—se não leva hoje desavindos da fé á adoração de Jesus, põe ainda estos de vida nas memorias longinquas de melhores eras, cheias de poesia e cheias de paz, já decorridas, que nunca mais e nunca mais hão de volver.

A estrela misteriosa da guia mal surgia então e logo—parece que os espaços da noite oravam em acção de graças e genuflectiam em beatitudes de extase. As almas recolhiam-se em unção—e de longe vinham nas asas luminosissimas das estrelas prenuncios de melodias sacras.

As aldeias, em redor, acendiam fogueiras nos adros das igrejas, e os crentes formavam rondas de fraternisação.

Vibravam timbales de alegria.

Hossana! Hossana!

Celebrava-se o nascimento de Jesus...

E á saida da missa da meia-noite, havia danças e folguedos que seguiam calorosamente até ao romper d'alva. Noite fria, noite fria—incendiam-se nas almas entusiasmos que ainda alumbram e acalentam anos após, vidas já enregeladas pelos tempos.

Tradições que fizeram a sua epoca—e crenças lindas que se esfolham aos poucos e se reduzirão breve, cinza em cinza...

Noite de Natal!

As doze badaladas batem no sino da torre compassadamente — e a cada som que flutua no espaço a espargir-se em melodia e evocações, sobre as almas, ainda o nosso coração sabe responder exaltando-se no espaço e no tempo a recordar sonhadôramente. Do ceu tremeluzente de estrelas—descem ainda vozes serenissimas e longinquas, em côro, que se harmonisam suavemente nas intimidades profundas do nosso sêr e tornam a elevar-se ás alturas num cantico de graças e cantico de esperanças.

Gloria in excelsis Deo et in terra pax hominibus bonae voluntatis.

Olhamos ao longe e em volta — tranquilidade humilima de prece... A paisagem espiritualissima da noite assumiu uma atitude de recolhimento e sonho e parece invocar a luz sagrada das estrelas. A natureza guarda as vésperas do dia santo. Os elementos foram domados de encanto, as chuvas afastaram-se de fugida e sómente flócos tenuissimos de nuvens bórdam as orlas distantes do horisonte. O ceu é um grande palio azul-e-oiro. Não faz frio quasi e uma brisa suavissima acaricia de leve as coisas. As arvores murmuram manselinho canticos de devoção e curvam-se a receber a unção das alturas.

Silencio... Bençam... Recolhimento...

Paz aos homens na terra!

Sejam cumpridas, Senhor, as palavras doces da liturgia.

Guie o teu gesto a porto de salvamento as creaturas perdidas nas vagas do mar e leva aos lares abandonados o conforto do teu ensinamento.

Agora, certamente, Europa em fóra, andam inca saveis de longada os inimigos do bem—lavra a assolação, rasteja o morticinio. Caminha a Morte-Vermelha, ao longe, e invade todos os campos, e arrasa todas as cidadelas e reduz a ruinas as choupanas mais piedosas.

Nasceu o menino-deus...

Todos os povos ajoelham ante a pequenina e radiosa imagem e modulam meigamente o seu bemdito nome.

A humanidade ergue as mãos a Deus e suplica humildemente a bençam da concordia.

Antonio Cobeira

Poemas em prosa

Os sapatinhos da pequenita

Noite de Natal, fria, luminosa... O ceu crivado de estrelas, como uma ceára d'oiro; os caminhos cobertos de neve, como longas esteiras de prata...

As egrejas das grandes cidades e as ermidas brancas das pequeninas aldeias flamejam de lumes, enchem-se do perfume das flôres e do fumo do incenso que, em nuvens azuladas, sobe, serenamente, no espaço.

E pelas quebradas dos montes sinos soluçam, melancolicamente, chamando os fieis ao recolhimento e á oração.

Em cada templo, cheio de luz parece entrever-se um ceu aberto; em cada lar em festa ha um templo erguido á fraternidade e ao Amôr.

Celébra-se nessa noite o nascimento duma creança estranha num humilde estábula de Bethlem...

Essa creança fez-se homem; esse homem fez-se martyr; esse martyr fez-se Deus!

E seculos volvidos eis que as almas simples, as almas piedosas, ungidas pela crença que conforta, celébram ainda e cada vez com mais fé, com mais fervor; o seu nascimento e a sua divindade!

Mas a neve vae cahindo sempre pelos caminhos, fria, branca, implacavel...

Ai daqueles que, nessa noite divina, não teem, nem sequer, como o filho do Homem onde repoisar a cabeça.

Ai deles! A néve é uma mortalha que os tocheiros de estrelas iluminam.

Branca, imaculada, implacavel, oculta, na sua imobilidade enganadôra, a desolação e a morte.

E eis que á beira dum caminho uma creança surge, descalça, esfarrapada, semi-núa...

Vem de longe — assim o revélam os pequeninos pés arroxeados pelas grandes caminhadas — e tréme de frio e de pavôr.

A' mesma hora em que os filhos dos ricos, amimados e contentes se reunem no remanso do lar, em volta do presépe iluminado, pondo no espaço a nota alegre do seu riso cristalino e fazendo scintilar ao clarão das luses os seus lindos cabellos d'oiro, ela chora, tristemente, no silencio da noite, perdida na solidão e na néve, a sua miseria, o seu abandono, a sua magoa!

E ha sobretudo uma ideia, uma ideia fixa que atravessa o seu pequenino cerebro enfraquecido e que, mais do que a miseria e a fome, a faz sofrer.

E' que ela, tão infeliz que não chegára a conhecer pae nem mãe, a ponto de lhe ser licito supôr que, ao contrario das outras creanças da terra, paes não tivera, ouvira contar em tempo á velha avó que a recolhera—tão velhinha e hoje tambem já morta e enterrada - que, nessa noite em que out'ora um Deus nascera num curral e uns reis e pastores vieram de longe, de muito longe, atraz duma estrela para o adorarem, os pequeninos como ela, costumavam colocar na lareira os seus sapatinhos e ao romper da manhã seguinte eles apareciam cheios de brinquedos e de muitas outras coisas ricas e preciosas...

Durante a noite ouvia-se um ruido estranho.

Era o Deus Menino que vinha, carregado com os seus alforges e os despejava nos sapatinhos dos meninos pobres, como lembrança, do seu amôr divino e da pobresa em que Ele mesmo nascera.

Ora não tendo lar nem sapatinhos como poderia o bom Deus lembrar-se dela?

E d'ahi a sua grande magoa, o desespero atraz dessa pequenina alma aflicta...

Por fim, cheia de cansaço e desanimo, entorpecida pelo frio que lhe enregelára as carnes, com um ultimo soluço e uma ultima lagrima, a creança adormeceu na néve.

Teve então uma visão perturbadôra:

Um menino todo de branco, com uma auréola de luz a cingir-lhe a fronte, caminhava para ela e parecia estender-lhe os braços.

Em cada uma das mãos desse menino havia um sapatinho; em cada sapatinho uma estrela...

E depois foram aparecendo muitas outras estrelas, milhares delas, dum brilho tal que a vista se encadeara ao fita-las.

E a pequenita, extatica, viu abrir-se o ceu e descerem nas nuvens anjos do tamanho dela, ruflando no espaço as suas asas brancas e entoando canticos e *hossanas*, ao som duma musica celestial.

Sentiu se arrebatar como se tambem tivesse asas e seguindo o Menino que a chamava e lhe sorria, com um sorriso mesmo de encantar, entrou no Paraiso em festa...

....

No dia seguinte o corpo da pequenita foi descoberto, enterrado na néve branca, imaculada, implacavel...

Eduardo Pacheco

LITANIA DE SATAN

Curvo os joelhos, chóro ..
E oro,
A Mim,
Por mim!

Eu fui o Tempo e o Espaço.

Tive no meu regaço
O coração de Deus.

Corri os ceus
Em mysticas derrotas.

Toquei o Sete-Estrelo com o dedo...

E sete estrelas eram sete notas
Da minha lyra de segredo!

Archanjo réprobo, precito, —
Eu encarei
Em plena luz
O Infinito
E derramei
No firmamento o coração.
Manchei as Pedras de Ara das Alturas...
Meu sangue verde-rubro golfejou
E afogou
Na escuridão,
Estrelas — chagas escorrendo pus,
— Boccas impuras
De maldição!

A lyra flébil faleceu na minha mão exangue. .
Os meus dedos hypnoticos murcharam
Como hastes sem flôr — e febre e sangue
Foram nas cordas que voaram.

Fundi as sete côres numa fluida mancha informe .
E — Fiat-Umbra! foi meu grito de victoria!
E mergulhei na sombra enorme
Do meu sêr — Universo e Deus e Morte e Gloria. .

Olhei-me fito...
E meu olhar — dentro de mim — foi Nova-Luz que ardeu
Num infinito
Sem ceu
Que entonta e pasma ..

Fugi...
Sou como um doido que se ergueu phantasma
Deante de si!

XXX-XII-MCMXIV

Antonio Cobeira

CONFLAGRAÇÃO EUROPEIA

PELO MUNDO FÓRA

O anno de 1914, prestes a passar á Historia, deixa a Humanidade em convulsão, a braços com o grande problema que está sendo resolvido em ondas de sangue derramado pela Europa, pela Asia e pela Africa, problema cuja incognita está longe de ser achada, havendo mesmo fundados receios de que o anno de 1915 não nos traga a ambicionada paz. Esta guerra atrozmente mortifera deixará esphacelada a carta politica da Europa e marcará uma *epocha historica*.

De que não resta, porém, nenhuma duvida é que a Humanidade, o grande povo soffredor, que produz e paga os impostos, ha de, após esta tremenda lucta, ver augmentar as difficuldades da vida, encarecendo os productos, em consequencia do predominio dos syndicatos capitalistas, que, apezar de tudo, são os dirigentes d'estas contendas herculeas e ferozes.

A Allemanha e a Inglaterra são os grandes collossos que se pretendem anniquillar. Vencida uma ou outra, a victoriosa ficará senhora do campo, para explorar á sua vontade o commercio e a industria, a terra e o mar. E o povo continuará a ser a *chair à canon* e a massa tributaria, e victima eterna das ambições dos politicos e dos dirigentes, quaesquer que sejam os titulos mais ou menos democraticos com que elles se apresentem aos ingenuos e desprevenidos pobres diabos que se confundem sob o nome generico de *povo*.

Invocam-se sempre, do alto das tribuñas, os justos interesses do povo, que, sorridente, acclama os discursadores, os Messias da sonhada felicidade, cada vez mais irrealisavel e problematica. A curto prazo apresenta-se a realidade dolorosa e cruel mas o povo espera sempre, sempre, por melhores dias... Elles, os chefes, os espertos, arranjam-se, sobem, firmam-se. e depois... tyramnisam sob o nome de imperadores, reis, presidentes, sultões, etc.

Quem afinal é menos tyranno é o *Papa*, cuja funcção é toda espiritual. Não obstante o estar privado do poder temporal, todas as potencias se empenham em ter no Vaticanio o seu representante. A diplomacia trabalha lá com grande actividade no actual momento, e por isso a *protestante Inglaterra* criou uma embaixada junto da corte pontificia, enviando para Roma o sr. *Howard*, como primeiro embaixador extraordinario. A Allemanha, que não estava muito segura sobre a orientação do governo italiano, tratou de mandar para a capital da Italia o antigo chanceller, *principe de Bülow*, cuja missão em Roma tem sido objecto de serios commentarios.

Infantaria russa esperando o toque de avançar

Segundo o *Morning Post* a Allemanha emprehende actualmente uma grande campanha diplomatica na Rumania, na Grecia e na Bulgaria, mas muito especialmente na Italia. A fronteira principal d'esta nação é o mar, é sobretudo pelo mar que a Italia tende a desenvolver-se, pois que ella deseja ser uma grande potencia maritima no Mediterraneo. E' a corda que o principe de Bülow vae fazer vibrar.

Com as suas grandes industrias tão bem organisadas, com as suas linhas de caminhos de ferro que se prolongam atravez a Suissa central e o Tyrol, a Allemanha é para a Italia um mercado que tem grande abundancia de mercadorias a trocar com ella. Politicamente mesmo a Allemanha tem alguma cousa a offerecer á Italia. Bülow dir-lhe-ha — se destruir-mos a esquadra ingleza e se esmagarmos a franceza, vós tereis o que desejaes — o *dominio do Mediterraneo*. Seria um novo imperio romano.

Mas, se a Allemanha obtivesse a supremacia naval, ella desejaria ter uma base no Mediterraneo, e então *Trieste* seria o seu porto preferido, como é notorio o ella ter lançado as vistas para *Marselha*.

N'esse caso a Italia nada ganharia no Mediterraneo, e se mostrasse desaccordo com a Allemanha, o exercito de Guilherme II não hesitaria em atravessar os Alpes.

A verdade é que a Italia passa um periodo muito critico da sua historia, tendo que escolher entre uma Europa dominada pelo imperio allemão e uma Europa constituida por nacionalidades livres.

O presidente do conselho de ministros, sr. *Salandra* defendeu ardentemente o principio da neutralidade, que o Senado approvou por unanimidade, accrescentando-se que, no caso em que essa neutralidade não seja sufficiente caberá ao governo prover á preparação completa do exercito e da marinha.

Hoje, disse um senador, podemos affirmar que o exercito e a marinha estão promptos, com um coração firme e uma fé solida para todos os sacrificios. A patria, se fôr preciso, dará tudo, até ao seu ultimo homem.

Ambulancia da Cruz Vermelha Russa conduzindo feridos depois da batalha

Os republicanos e socialistas italianos commemoram o anniversario da morte de *Oberdank*, esforçando se o governo para evitar manifestações hostis á Austria.

Como se sabe *Guilherme Oberdank* era um estudante austriaco, nascido em Trieste e ali executado em 1882, anno em que o *imperador Francisco José* devia ir visitar aquella cidade.

Oberdank, membro activo da *Italia irridenta* prendeu o imperador, no proposito de o assassinar. Foi preso e viu-se que trazia bombas *Orsine*. Os estudantes de Boulogne intercederam em seu favor, sendo a supplica dirigida ao imperador pelo grande *Victor Hugo*. Oberdank foi condemnado á morte. Eis o martyr cujo nome os revolucionarios italianos erguem nos seus escudos, como instrumento de seus designios.

O *Papa Benedicto XV* tomou, como dissemos, a iniciativa d'um armisticio no dia de Natal. A Austria e a Allemanha acolheram a ideia com enthusiasmo, mas a Russia recusou-a muito cortezmente. A sua attitude é porém facil de explicar.

Os russos e os servios celebram a sua festa de Natal treze dias mais tarde que os outros paizes christãos. A tregua tinha portanto que prolongar se por 15 dias ou trez semanas, ou teria que se recorrer a treguas successivas, o que traria serios inconvenientes.

Affirma-se que uma das razões terminantes da recusa da Russia foi a sua pouca confiança na observação do armisticio por parte dos allemães.

E' interessante notar que desde ha tempo circulam, nos meios ecclesiasticos romanos, com insistencia, boatos de mediação do Papa a favor d'uma paz proxima.

Esses boatos tem origem allemã ou austriaca. Garante-se porém que nem a Triple-Entente nem o Papa acceitam esse alvitre.

O Papa ou o *Presidente Wilson*, em quem tambem se tem falado, não poderão interpôr a sua acção mediadora d'uma forma efficaz, senão quando a paz seja considerada possivel e em condições de poder ser concluida.

A Turquia tambem acceitava a ideia do Papa, di-lo a *Gazeta da Colonia* mas a attitude da Russia, e principalmente da França, contrariou a nobre iniciativa do Vaticano, o que é muito para notar, sabendo-se que ultimamente a politica francêsa mostrava sentimentos amistosos para com o Vaticano, motivados pela questão do protectorado catholico da França no Oriente.

Falando de religiões, de guerras e de protectorados, cabe dizer aqui que a Grã-Bretanha pro lamou o seu protectorado sobre o Egypto, como consequencia da guerra santa, declarada pelo sultão da Turquia, de que já nos occupámos.

A situação do Egypto, desde a occupação inglêsa em 1882, era das mais singulares. O Egypto fazia parte do imperio ottomano. Se procurarmos esse paiz no *almanach de Gotha* vê-lo hemos sob o dominio da Turquia. O *Khediva*, descendente do celebre *Mehemet Ali*, que se proclamou senhor da nação em 1811, reconheceu o sultão, que reinava em Constantinopla como suzerano, e pagava lhe um tributo annual de *tres mil e quatro centos contos*.

Eram essas as unicas relações entre a Turquia e o Egypto. Aquella nada tinha que ver na administração do Egypto, que além d'isso tinha a faculdade de concluir tratados de commercio com os paizes estrangeiros, e possuia um exercito distincto do turco.

A inglaterra estabeleceu se no Egypto em 1882, tendo desde 1879, d'accordo com a França, exercido o direito de *contrôle* sobre a administração egypcia. Em 1882 a França deixou a Inglaterra reprimir sosinha uma grave insurreição, e, desde esse momento o contrôle inglês foi exercido por prumisorias permanentes.

O exercito egypcio era despedido inexoravelmente, sendo confiada a organisação do novo exercito a um general inglês, que tomou o titulo de *sirdar*.

Esse *sirdar* representava a Inglaterra no Egypto e nada se fazia sem a sua interferencia.

GUSTAVO V

Proclamando agora o seu protectorado sobre o Egypto, a Inglaterra supprime o bributo annual pago á *Porta*, e quebra os ultimos laços que uniam o Egypto ao sultão. A Turquia perde assim o resto da autoridade que possuia em *Africa*. O acto do governo de Jorge V não muda a situação interna do Egypto, que era o que em direito internacional se chama um Estado meio soberano.

A proclamação do novo sultão, o *principe Hussein*, tio do antigo sultão, que foi deposto, foi acolhida com alegria em todo o Egypto, trocando se telegrammas de calorosa saudação entre o sultão e Jorge V de Inglaterra.

*

Digna de nota foi uma conferencia realizada por iniciativa do rei *Gustavo da Suecia*. N'ella se reuniram os monarchas escandinavos, para se occuparem dos interesses dos paizes neutros na conflagração europeia. A conferencia effectuou-se em *Malmoe*. O rei da Suecia fi isou que os reinos do norte da Europa mantéem a vontade unanime de conservar a neutralidade, e declarou que desejava uma cooperação illimitada dos tres reinos — Dinamarca, Suecia e Noruega — para salvaguardar os interesses communs. Accrescentou que tinha um vivo sentimento da sua responsabilidade relativamente aos seus contemporaneos e ás futuras gerações, e que receava sempre não haver adoptado todas as medidas necessarias á felicidade do seu povo e de todos os paizes escandinavos.

Os reis Haakon da Noruega e Christiano da Dinamarca responderam dizendo que haviam acolhido com grande satisfação a iniciativa do rei Gustavo e manifestaram a convicção de que haverá sempre boas e felizes relações entre os tres reis da Escandinavia.

*

O acontecimento mais sensacional d'estes ultimos dias foi sem duvida o *bombardeamento das costas de Inglaterra por navios allemães*.

Vimos que as perdas do *Good-Hope* e do *Monmouth* foram pouco depois vingadas pelos inglêses, que proximo das ilhas *Falkland* metteram a pique os navios allemães *Scharnhorst*, *Gneisenau*, *Nuruberg* e *Leipzig*, cabendo essa gloria ao vice-almirante *Sir Frederich Doveton Sturdee*.

A supremacia naval tornou-se completa para a Inglaterra n'aquelles longiquos mares. A navegação mercante ficou livre d'aquelle inimigo. O governo britanico sentiu profundo jubilo com esse feito naval, em que brilhantemente collaborou a esquadra do Japão, pela perseguição que moveu aos navios inimigos.

Mas á victoria inglêsa de Falkland respondeu agora a Allemanha bombardeando inesperadamente tres cidades da costa nordeste da Inglaterra: — *Scarborough*, *Hartlepool* e *Whitby*. Para esse acto verdadeiramente arrojado os allemães escolheram uma manhã de nevoeiro, conseguindo os seus cruzadores evitar o ataque dos navios inglêses, que certamente os não poupariam.

O bombardeamento causou em Hartlepool 90 mortos e 250 feridos; em Scarborough, 17 mortos e 100 feridos; em Whitby, 2 mortos e 2 feridos. Na primeira d'estas cidades foram attingidas 80 casas, 4 egrejas e uma escola. Os prejuizos estão avaliados em 40.000 libras esterlinas.

Hartlepool é um porto de mar e magnifica estancia balnear, na costa de Durham. A cidade está situada n'um promontorio e quasi cercada pelo mar. Existe ali uma egreja do seculo XIII, consagrada a Santa Hilda.

Scarborough é a principal estação balnear do Norte da Inglaterra.

Está edificada em amphitheatro á beira mar, n'um dos pontos mais bellos da região. Tem dois portos e conta 38.160 habitantes.

Whitby é um porto de pesca importante, a 10 milhas ao noroeste de Scarborough.

Como se vê a Inglaterra está ameaçada de continuas investidas da esquadra allemã, ainda que mais não seja para avigorar o espirito germanico quiçá desanimado pela resistencia dos alliados.

Julgava-se que a esquadra Germanica estava por assim dizer engarrafada no *canal de Kiel* e em *Wilhelmshaven*, e que qualquer investida que tentasse ser-lhe-hia um desastre inevitavel. Pura illusão, como acaba de se demonstrar. Os allemães pódem sem grande difficuldade, sahir d'aquellas paragens e ir até ao norte da Inglaterra com os seus

cruzadores. O golpe agora tentado, e que produziu extraordinario effeito moral, põe bem em evidencia que a supremasia moral da Inglaterra ainda tem que luctar bastante para triumphar dos ataques e ardis do intemerato inimigo, que de tudo lança mão para esmagar os adversarios.

A importancia militar da acção allemã não tem valor, em nada modificando o plano do almirantado inglês.

Foi esta a primeira vez que o povo inglês recebeu damnos, no seu proprio solo, de uma força inimiga organizada, depois que em 1667 o almirante hollandês *De Ruyter* atacou no Tamisa a cidade de *Chatham*. Em Londres houve enorme decepção quando se soube que os cruzadores allemães se tinham escapado a salvo.

A audacia allemã será um estimulo ao alistamento, incitando os vacillantes a encorporar-se no exercito de French.

Apesar dos esforços da imprensa e dos dirigentes o enthusiasmo guerreiro — di-lo a *Correspondencia Politica da Hollanda* — é bastante froixo e ha pouca tendencia para fazer novos envios de tropas para o continente. Dos 600.000 recrutados em Inglaterra até fim de Novembro, mais de 500.000 declararam que se alistavam unicamente para a protecção do territorio da sua patria.

Ainda a respeito do alistamento de voluntarios transcrevemos o seguinte, publicado pelo diario canadiense *Niagara Falls Journal*: — As autoridades militares solicitaram da Direcção de Policia d'esta localidade (Niagara Falls — Canadá) que se avisem todos os subditos britanicos que *teem assumptos pendentes nos tribunaes* para que se apresentem na repartição da Avenida Victoria, no caso que desejem entrar nas fileiras do exercito.

O bombardeamento da costa inglêsa pelos allemães custou a demissão do almirante *Sir Richard Povre*, que foi substituido no commando da esquadra inglêsa do Mar do Norte pelo almirante *Sir Jeorge Callaghan*.

Por toda a parte fusilaria, mortes, destruição!

Alliados confessam victorias. Allemães e austriacos dizem o mesmo. A verdade, só muito tarde a saberemos.

O que nos trará o anno de 1915?

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA

MUSEU REGIONAL DE AVEIRO

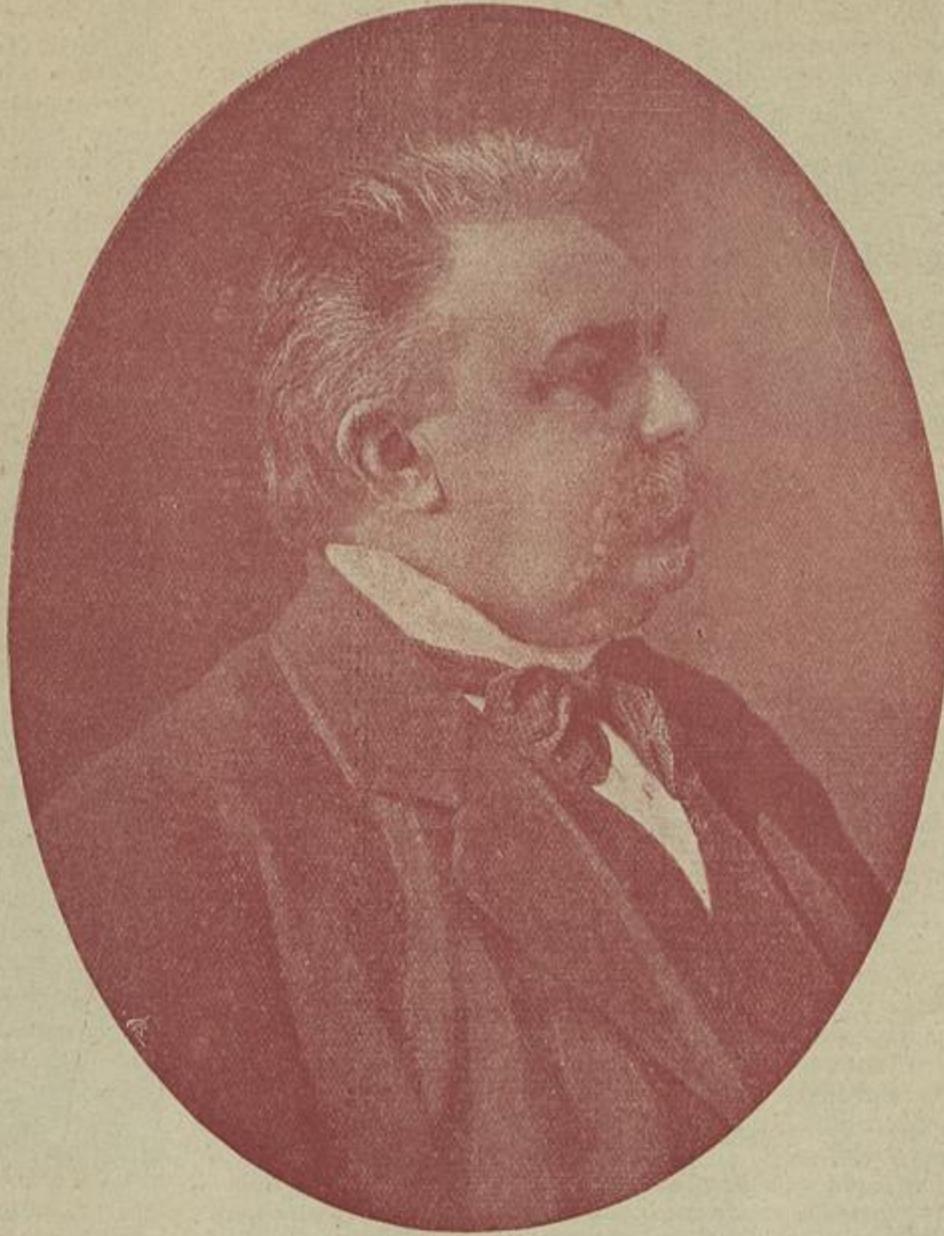
GALHETAS DE CRISTAL E PRATA, SECULO XVIII

SALA DAS TALHAS

(*Clichés Marques Abreu*)

MUSEU REGIONAL DE AVEIRO

Museu de Aveiro

Queremos hoje render homenagem respeitosa ao ilustre escritor e arqueólogo notavel que é o sr. Marques Gomes. Na verdade, torna-se ele acredôr da simpatia e gratidão de todos os portuguezes pelos carinhos e indefessos esforços que tem dispensado á arte antiga do nosso paiz. Sem hesitações nem desfalecimentos, vencendo contrariedades, o sr. Marques Gomes conseguiu organisar na cidade de Aveiro uma valiosa colecção de arte regional, digna de ser visitada e estudada atentamente. E oxalá as nossas simples palavras vão acordar estimulos que se orientem no sentido de ordenar criteriosamente e pôr em resguardo as lindas coisas que ha perdidas Portugal em fóra. Em Aveiro, no antigo Convento de Jesus, começou de reunir-se, ha mais dum ano, tudo o que ali e no convento dos Carmelitas existia de valioso em Arte e hoje está perfeitamente organisado um museu Regional. Ali se vêem dispostos metodicamente objectos da arte valiosissimos = estatuas e baixos-relevos em pedra e barro, quadros de assuntos religiosos, obras de talha, azulejos, paramentos, ourivesaria do culto, livros de côro iluminados, esculturas em madeira e marfim, ceramicas, armarios, contadôres imagens e joias antigas. Dentre os barros, destacamos, pela sua beleza e trabalho tecnico o grupo da *Virgem, S. José e o Menino.*

MARQUES GOMES — *Fundador do Museu Regional de Aveiro*

Temos ainda a notar, entre os quadros, pinturas em taboas, quintentistas como por exemplo, *Ecce Homo* e *S. João Evangelista.* Quanto á colecção de armação e indumentaria, cumpre-nos pôr em relevo os trabalhos dos seculos XVI e XVII que são riquissimos. De ourivesaria sacra, possue o Museu especimens importantes — galhetas de Cristal e pratos de prata dourada.

Eis, pois, como a bôa-vontade, inteligente e energica dum homem, poude transformar o antigo Convento de Jesus, em Aveiro, abandonado, ou quasi abandonado, num templo sacrosanto de Arte. E pode dizer-se, sem receio de contestação, que esta bela colecção, organisada pelo esforço do sr. Marques Gomes, é uma das melhores colecções, *sui generis* que existem no nosso paiz.

Todos os objectos de arte são distribuidos sabiamente pelos diferentes salões do edificio, galeria inferior do claustro e gabinetes.

As gravuras magnificas, notavelmente expressivas, que inserimos a ilustrar este pequeno artigo de informação e guia, ilucidam suficientemente para despertar o desejo de visitar atentamente o novo Museu.

E, pois, valiosissimo este novo Museu Regional; — reconhecendo-o, ninguem deixará de reiterar os nossos protestos de admiração de reconhecimento ao erudito e benemerito arqueólogo—sr. Marques Gomes.

SALA DE MOBILIARIO

Folhas soltas

Natal triste

Não ha ninguem que não se recorde com saudades d'esta época do anno, quando ainda em a nossa juventude eramos levados por nossos paes á missa do gallo.

Esta festa fazia parte da nossa existencia e já dias antes não pensavamos n'outra coisa, e perante a nossa mente, apparecia o altar cheio de luzes, e deitado sobre as palhas, a imagem de Jesus, esse doce Menino que nos enviava do ceu para o sapato na chaminé, delicados presentes. Sentiamos uma existencia de mysticismo subtil, que nunca mais era por nós esquecida; os tempos corriam e os Nataes renovavam se sempre com maior encanto.

Nas cidades o Natal não possue a attracção que tem nas ermidas das nossas aldeias O bulicio dos grandes centros não se coaduna com a singeleza do presepio, por isso a festa do nascimento de Jesus, que veiu prégar toda uma religião de bondade, liga se, casa-se muito mais com a simplicidade do campo. Noite de Natal! Como tu despertas nas nossas almas uma serie infinita de recordações sagradas! Paginas da nossa existencia, que o vento vae desfolhando sem darmos por tal.

Muito frio e os campos cobertos de neve, como toalhas brancas a taparem os rios, arvores despidas de folhas, troncos de uma alvura encantadora, tudo respirando pureza, tudo cantando alegria. O ar parece purificado pelos anjos que se crusam no espaço batendo as suas asas côr da neve; as estrellas no firmamento tremulam como cantassem pelas vozes dos archanjos hymnos joviaes. Esta paysagem festiva tem o seu remate no interior das capellas chammejantes de luzes e as figuras sagradas dos vitraes matysam-se de variadas côres.

Com as orações vão-se ligando os canticos do povo que de joelhos venera com a sua alma simples o nosso Messias, o Redemptor do mundo; e aos sons do orgão, cantam:

«Jesus, vós sois todo
amor, e ternura,
servir-vos e amar-vos
é summa ventura.»

«O Menino está dormindo
nos braços da Virgem pura,
os Anjos lhe estão cantando:
Hosanna lá na altura!»

Pelas serras echoam os sinos que fazem

dlin, dlin
dlão.

Noite de Natal! Noite de Natal! como te bemdigo em toda a tua uncção e belleza!

Como será o Natal por essas cidades, villas e aldeias onde as garras aduncas da guerra rasgam milhares de victimas? Como será triste o Natal para essas creanças já orfans, sem paes?!

Quantas capellas destruidas, quantos templos devastados, quantas egrejas profanadas! N'estas já não brilham as velas ao redor do berço de Jesus, as preces, os canticos cessaram de todo. Reina o silencio tenebroso por entre as ruinas, cavernas escancaradas pelas granadas enegrecidas pelos incendios devastadores!

Triste Natal, o d'este anno!

Quando a egreja festeja o nascimento do Divino Fundador da paz e do amor perante todos, andam os povos em uma lucta terrivel de sangue, espalhando a desgraça, a mis ria e a Dôr!

Quantas familias agora a chorarem, quando o anno passado tiveram o Natal cheias de alegria!

Natal! Natal! Este anno appareces triste e quantos se approximarão de teu altar vestidos de luto, orando pelas almas dos seus mortos!

Triste Natal!

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

ROMANCE

M. Dellyne

A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

(Continuado do n.º antecedente)

VI

Sem mesmo ter recebido um simulacro de pedido, Myrto encontrava-se ligada ao serviço de Karaly. Isto é, não tinha um momento livre, horas e horas sempre junto da criança. Myrto bem comprehendeu quanto custaria a Irene, com o seu genio alegre, estar alli presa a entreter Karaly. Irene até dizia:

«Emquanto Karaly está com a Myrto, temos muito mais liberdade. Que horas de massada eu soffri com o Renato nem me quero lembrar.»

No entanto Irene nunca deixava de ter para Myrto ditos e modos desagradaveis.

Myrto soffria com paciencia, cumpria tudo que era o seu dever. Tinha pena do pequeno, bem via que era um doente. O principe apesar de gostar tanto do seu filho, até perante elle guardava a sua auctoridade. Chegava a ser para o proprio filho um verdadeiro despota. Myrto pensou qual a razão porque todos estavam como sobjugados diante d'aquelle homem! Pouco a pouco, por palavras e conversas veio a saber a razão. A condessa tinha ficado arruinada pelo seu segundo marido, e viviam assim desafogadas nas suas casas de paris e Vienna, em virtude da fortuna do principe Milcza.

Myrto, como todos, sentia cahir sobre ella, a sua vontade imperiosa. E apesar d'isso Myrto reprimia os caprichos do pequeno. Esta ultima obrigação era a mais dura para ella, a esar d'um simples olhar, Karaly mudava logo o rumo dos seus caprichos.

Milcza apparecia regularmente todos os dias pelas quatro horas, e esperava que Myrto tivesse servido o café. Revelava-se sempre frio, tão laconico como no primeiro dia e quando não brincava com o filho, pegava d'um livro e ficava a ler. Quando Myrto pegava do violino a pedido de Karaly, então o seu olhar tornava-se vago, olhando para tudo, como se a sua alma tivesse bem longe d'aquelle lugar.

— A menina, possue um verdadeiro temperamento de artista, disse Milcza quando a ouviu tocar pela primeira vez.

Os dias passavam-se assim, excepto quando o principe levava o pequeno á condessa á hora do chá. Outras vezes o pequeno passeava pelo parque em uma pequena carruagem, indo ao lado Myrto e Terka, paravam sempre em um logar combinado antes para o pae lá apparecer. Mas estes passeios não se davam com frequencia porque o pequeno ficava muito nervoso. Myrto, andando pouco, perdeu o apetite e por conselho do padre Joaldy, deixou de assestir á missa de manhã para dar um passeio pelos campos. Estes passeios tinham um fim caritativo, pois Joaldy indicára a Myrto a morada de familias pobres.

Um dia de manhã da volta d'estes passeios atravez dos campos, Myrto quando entrava para uma sala no primeiro andar, quasi que foi derrubada pelo pequeno Renato que vinha em uma carreira desordenada.

— O que foi, Renato?! ia quasi cahindo.

— Foi o estupido Macri que me deixou morrer os meus passaros, porque se metteu na frente?

Ao fundo do corredor appareceu o princepe Milcza, com fato de montar a cavallo.

— Renato és muito malcreado! deixa ver as mãos.

Renato obedeceu cheio de medo. Milcza com o chicote deu lhe nas mãos. O pequeno com a forte dôr, deu um grito, e Myrto ficou tão ralada com aquelle castigo, que chorou!

— Basta! Basta! disse Myrto para o principe

— Agora peça desculpa á menina Myrto, ande!

O pequeno executou a ordem a tremer.

Quando Milcza se affastou, Renato levantou os olhos para a prima vendo-a com uma cára raladissima.

— Chorou? então elle ficou contente

— Contente?!

— Sim, contente D'uma vez disse elle ao conde Vidervary já lá vão tres annos

«Tenho sempre satisfação quando vejo chorar esses demonios, que se chamam mulheres». A prima para elle é um demonio...

Myrto ouvindo estas palavras pensava quanto soffreria o principe para pensar assim!

Depois do meio dia, ameaças de chuva obrigaram Myrto e Morsa a trazerem o pequeno para o castello. Foram para a grande sála branca, contigua ao quarto do principe. O pequeno passava alli os dias quando chovia, brincando correndo.

Mitzi estava com Karaly, pois este lhe tinha pedido. Elle tinha um caracter tranquillo.

— Olha o papá com o padre Joaldy, disse alegremente Karaly.

O padre vinha muitas vezes sentar-se perto do pequeno, fallando-lhe docemente e lançando-lhe as primeiras sementes da educação christã. O principe Milcza não se opunha.

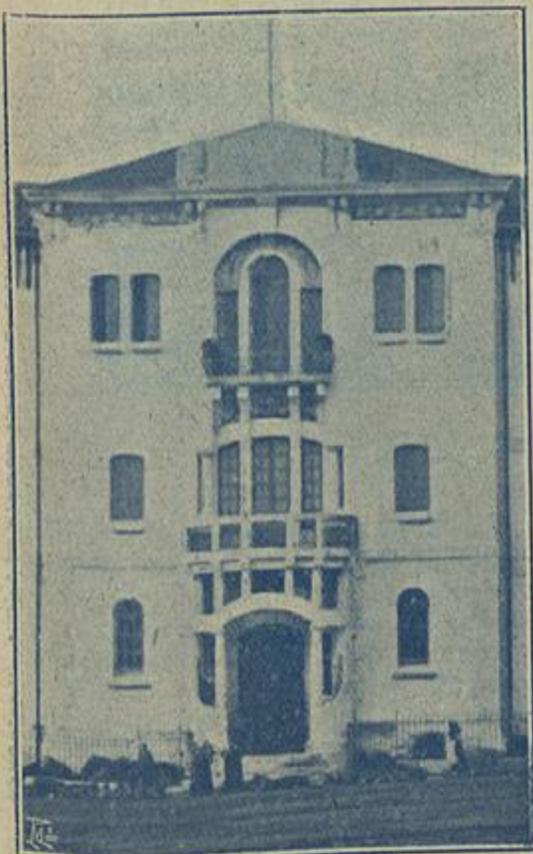
— Conte-me uma historia, sim?

O padre Joaldy sabia escolher paginas evangelicas. A historia do bom A... cehu encantou Karaly.

Asilo de Mendicidade em Braga

Conde de Agrolongo

Aqui nos referimos (1) já ás obras recentemente realisadas no antigo convento do Salvadôr, em Braga. E a proposito endereçámos palavras de strita justiça e estremecido entusiasmo ao sr. Conde de Agrolongo, espirito de iniciativa e coração generosissimo de benemerito, que promoveu a despensas suas, essas obras. Do velhôrro Asilo da Mendicidade, edificio pouco confortavel e rebelde a condições de higiene, conseguiu o sr. Conde de Agrolongo, um edificio vasto e comodo, segundo a arte e segundo a sciencia, modelar, de aparencia exterior harmonica e interiôres confortaveis, com galerias, dormitórios, casas de trabalho, lactario, tudo aberto á luz e ar purissimo dos campos.

Grande foi o numero de obras de adaptação e construcção que o ilustre benemerito realisou.

Asilo da Mendicidade em Braga

Não podemos, por falta de espaço, descrevêl-as pormenorisadamente.

Entretanto, não podemos deixar de escrever algumas palavras acerca dessa imponente edificação de que o sr. João de Moura Coutinho d'Almeida Eça foi o arquitecto.

A construção é feita em três pavimentos tendo assim, é certo, uma desvantagem impossivel de remediar, porquanto o limite do terreno concedido está em desarmonia com o numero de internados que o asilo devia comportar.

No rez-do-chão estão instalados serviços de administração, salas de visitas, refeitorios, dormitorios, gabinetes, biblioteca, cosinha e dependencias. No segundo pavimento, ha enfermaria, salão de trabalho, dormitorios. No terceiro pavimento, salões de trabalho, dormitorios e dependencias.

As gravuras que ilustram esta noticia, são elucidativas.

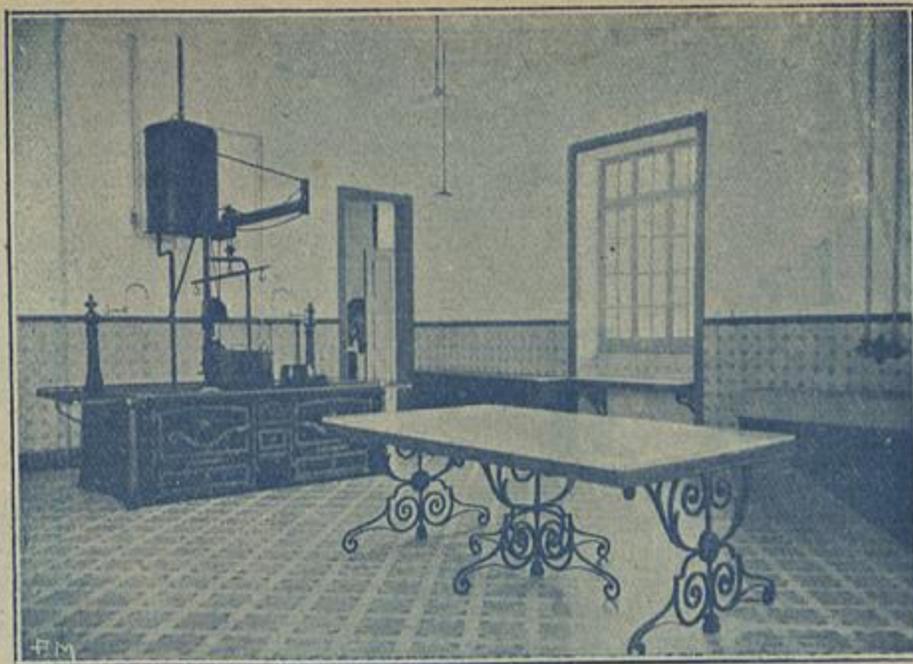
Mais uma vez, enviamos ao sr. Conde de Agrolongo a expressão sentida do nosso entusiasmo.

(1) «Occidente» n.º 1286 — Vidé art. *O novo Asilo da Mendicidade*.

A Belgica

(Concluido do n.º antecedente)

Em 1815 Belgica e Holanda achavam-se reunidas; mas, depois da revolução que destronou Carlos X em França, os belgas n'esse mesmo ano, 1830, separaram-se dos visinhos e instituiram-se em monarquia independente debaixo do cétro de Leopoldo Coburgo.

«O longo reinado do sabio Leopoldo I (1831-1865), escreveu Augusto Himly em obra magistral (*Histoire de la Formation Territoriale des Etats de l'Europe Centrale*) assegurou entretanto a sua consistencia politica, forneceu-lhe um exercito e, pelas fortificações d'Anvers, creou em seu favor um logar de abrigo, substituido ás antigas fortalêsas desmanteladas. Além d'isso a Belgica póde contar com a proteção interessada da Inglaterra, que ha pouco ainda, no inicio da guerra franco-prussiana, imediatamente negociava com as duas potencias beligerantes um duplo tratado (10 e 11 d'Agosto de 1870), para pôr a neutralidade belga sob sua proteção particular.»

Cosinha

Devo esclarecer que fiz a antecedente versão do vol. 2.º da citada obra de Himly, impresso em 1876.

Não julgo deslocado o quadro a seguir traçado por Cesar Cantu em *Os Ultimos Trinta Annos* (1848 a 1878), tradução de Julio de Castilho:

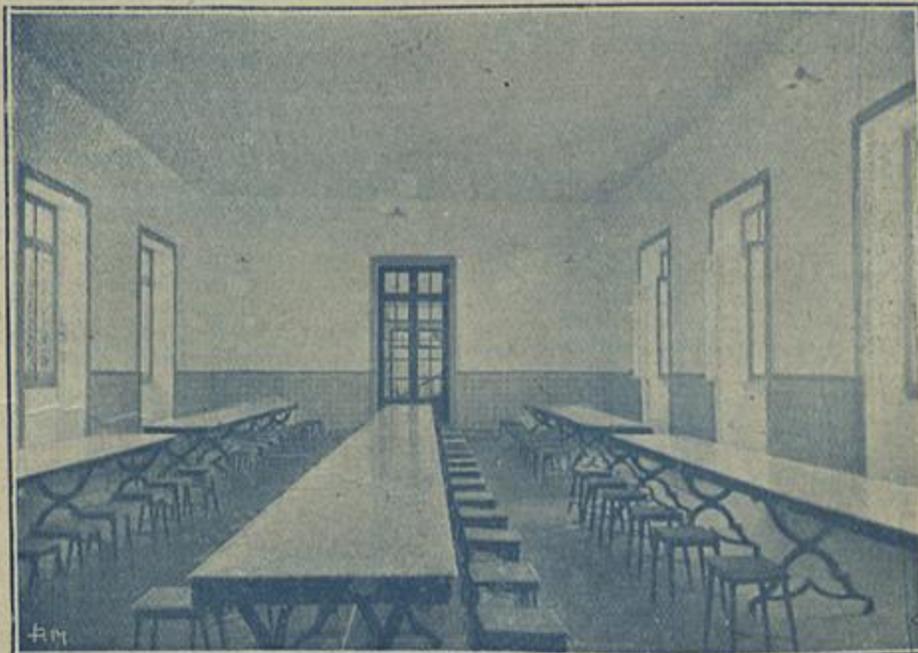
«Leopoldo de Coburgo reinou de 1831 a 63, sem ambição de acrescentamentos, chamado não poucas vezes para arbitro entre dissidencias internacionaes, e accusado de um vicio raro hoje: a economia. Reconciliado em 61 com a casa de Orange, teve a liberdade de navegação pelo Scalda. Quando as revoluções referviam, perguntava aos seus povos se queriam que elle se fosse embora; pediam-lhe para ficar; e elle continuava, sem faltar nunca á sua promessa.

A classe culta e a alta classe media mostram-se liberaes, em vez de auctoritarias e demagogicas como em França; o exercito tem um tamanho muito moderado; a fazenda é regulada por tal forma, que se conseguio extinguir o direito de consumo; a agricultura é activa, e grandiosas as manufacturas; ha liberdade de imprensa, de ensino, de cultos, e de associação. Os catholicos aproveitaram-se d'essas liberdades, para conservar e augmentar as franquias que tinham sabido conquistar a todo o paiz, e multiplicar as escolas, e crear a universidade catholica da Lovanha. Mas aquellas liberdades assombraram o partido que se alcunha de liberal (Frère Orban, Devaux, Nothomb, Roogier, Verhaegen), que diminuiu o censo eleitoral, afim de que aos proprietarios ruraes prevalecesse a turba cidadã: o partido bradou contra a fundação de mosteiros, hospicios, asylos, seminarios, e chegando ao ministerio fundou uma universidade athêa em Bruxellas, expropriou os bens das corporações religiosas, e mais que tudo hostilisou o ensino livre, e foi tanto adiante, que julgou ter já concedido muito com permittir que nas escolas primarias se usassem emblemas religiosos, e se orasse ao entrar no estudo. Tal combate perturba sim o paiz, mas não derruba a constituição. Varias vezes se tramou para annexar a Belgica, ora á Allemanha, ora á França; mas tudo confirmou a utilidade dos estados pequenos.

E attesta-a uma portentosa prosperidade. A população, que ao tempo da revolução distava ainda de quatro milhões, augmentou de 38 por cento, bastante mais do que em França, com quanto conservasse o codigo civil francez, e o systema francez de successão, e transmissão da propriedade. Em quanto em 1846 se vendia o hectare de terreno por 2,416 francos, e rendia 68, agora arrenda-se por 103, e vende-se por 3,946. O valor das importações subiu de 775 milhões a 7,056, e o commercio especial desde 315 a 2,512 milhões.

Dos 5 milhões e meio de cidadãos, 498 por milheiro fallam flamengo, 423 fallam francez, e os outros fallam essas linguas mescladas com allemão. Apenas 1,500 são protestantes, e 3,000 judeus. Existe a divida de 1,358 milhões, para cujo pagamento se distrahem 50».

E' justo que em continuidade a um italiano seja ouvido um alemão, o Dr. Georges Weber, de que tenho presente a obra, em lingua francêsa (*Histoire Contemporaine*, 1830-1872):

«. . . a Belgica, a qual, ardente na proteção ás suas liberdades democraticas contra a teocracia, promoveu o florescimento da arte e da industria sob o seu rei constitucional, da origem estrangeira; . . »

Refeitorio

DORMITORIO
Asilo da Mendicidade em Braga

UM TRECHO DO PATEO INTERIOR
Asilo da Mendicidade em Braga

E, mais adiante, declara o mesmo Weber:

«Para opôr um contra-peso á universidade catolica de Louvain, os liberaes fundaram á sua custa a universidade livre de Bruxelas».

Resulta do exposto, indubitavelmente, que o povo da Belgica era o mais culto debaixo de todos os aspétos.

O nosso Joaquim Henriques Fradesso da Silveira que visitára a Belgica com caráter oficial, disse isto, perentoriamente em 1872: «A instituição das officinas escolas salvou as Flandres da miseria: *(As Officinas-Escolas das Flandres)*.

«Tres estabelecimentos são destinados, na Belgica, para o ensino agricola: o instituto de Gembloux, e as escolas de horticultura de Vilvorde e Gendbrugge. *(Ensino Agricola na Belgica)*.

Em Gand existe, outrosim, uma Escola Industrial e Comercial de primeira ordem, cuja *Notice* está á minha vista e de onde transcrevo no proprio original esta frase de profundo alcance explicativo:

«L'enseignement pratique reçoit un très grand développement.»

Eusino pratico, acompanhado sempre de incentivo e de estimulo, que abrange o professorado tambem.

Veja-se, na letra da seguinte proposta, apresentada á Primeira conferencia trimestral de professores no anno escolar de 1907-1908, complementar da segunda conferencia trimestral do anno escolar de 1906-1907, traduzida no *Appendice ao Diario do Governo*, n.º 476, de 1 de dezembro de 1909:

«Não será conveniente dar a conhecer de um modo mais completo, mais systematico, aos alumnos das nossas escolas secundarias, a parte tomada pela Belgica e pelos belgas nos progressos das sciencias, das letras, das artes, industria e do commercio?

Até que ponto e por que meios os professores dos cursos geraes e dos cursos de arte poderão, cada um nos limites do seu programma, collaborar nesta educação do orgulho nacional»?

Em tudo os belgas se desenham tipicos e distintos.

A notar ausencia triste, entre nós, de modalidades que em absoluto nos faltavam, exclamava o talentoso clinico Dr. Sebastião Cabral da Costa Sacadura, n'uma primorosa conferencia na Associação Protectora da Primeira Infancia, em dezembro de 1911:

«Que desolador contraste experimento nas minhas visitas á Belgica, esse lindo paiz, com as suas duas maternidades em Bruxelas, uma modelar em Liège, e outras completas em Gand, Anvers, Louvain, etc.!»

Prendem-nos á Belgica interessantes e numerosas recordações e uma d'elas foi a presença em Portugal do celebre pintor João Van Eyck, irmão do não menos celebre Hubert, de Bruges.

Na ordem dos grandes vultos que honram as suas patrias e ilustram a humanidade não tem sido escassa a briosa nação que se impõe ao respeito do mundo n'este momento lancinantemente tragico.

Apenas citarei tres nomes de finados, aos quaes o *Annuaire de l'Academie Royale des Sciences, des Lettres et de Beaux-Arts de Belgique* pagou, em 1912, o merecido tributo de condolencia: Alfred Giron, Polydore de Paepe e Julien Dillens, um professor notavel, um sabedor genial e um artista abalisado!

Nada obstou a que as tropas do kaizer talassem a encantadora e empolgante Belgica e exercessem na sua população toda a casta de afrontosas vilanias!

Em que seculo vivêmos? Qual a nação que se aprumava no espirito scientifico mais arrojado e pretendia mesmo haver-lhe o direito autentico de monopolio?—Sonhamos, deliramos, estaremos perfeitamente acordados?! Pois, a Alemanha que manifestava intentos de detêr a tuberculose e de aniquilar o cancro, é a propria violadora e assassina dos povos fracos?! Como se entende um tão espantoso transtôrno de cerebros de mentalidades, a exteriorisação de um tal objétivo dementado e irrisorio?!

O que permanecerá para os seculos do porvir? Que um dia, em 1914, em uma terra da Europa, com dois portos de mar, Anvers ou Antuerpia e Ostende, houve um povo cioso da dignidade, escravo, do dever, aplaudido pela propria consciencia que, reduzido á ultima extremidade por brutal agressão de um colosso feroz, não deixou todavia de fazer-lhe frente com altivez imperterrita e soube escrever com irrivalisavel pundonor e com tinta de sangue o poema da mais peregrina inspiração de que ha memoria e do maior valor categorico de moral plenissima! Que esse povo se chamava Belgica e que o poema tinha o nome de Honra!

Um bravo á Belgica, uma saudação respeitosa ao seu primeiro magistrado, Alberto!

Dezembro, 3 de 1914.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

DIVAGANDO

Firmado por Paulo Ginisty e com o titulo *Os três caminhos*, lêmos, ha tempo, na secção literaria dum jornal, um continho que nos impressionou.

Recordemo-lo:

Um mancebo seguia o seu cami orlado de flôres. Umas vezes, fitand azul dos ceus de uma limpidez sere outras, lançando olhares curiosos so a extensão que percorria. Respirand ambiente perfumado e a brisa que, s vemente, o acariciava, como escuta os doces canticos das avezinhas, ca nhava, caminhava sempre com a paz alma e a alegria no rosto.

A certa altura do percurso, o scena mudou.

Encontrava-se, o despreocupado rap num ponto onde se abriam três estra e, á entrada de cada uma delas, est uma jovem.

Pura como os anjos, modesta e mida, com um olhar de celestial cand e sorriso de cativante inocencia, a p meira dessas jovens diz ao mancebo

—Sou tua noiva. Em mim, terás esposa terna e dedicada. Serei a m carinhosa de teus filhos e a sua solic educadora. Das tuas alegrias e desv turas, tomarei parte com o maior in resse. Amarte-ei sempre. Tua para vida e para a morte.

Dás-me o teu coração?

A segunda, graciosa, viva, de ol brilhante e com uns leves traços de m licia, ao mancebo, se dirige e, em pa vra facil, se manifesta:

—Sou tua amante. Sem as purez de uma união legitima, mas com os cantos de uma ligação terna, em mi terás a mulher que, de bom grado, te dedica. Espera, apenas, a tua afeiç generosa e com isso se contenta.

Queres-me para tua companheira?

A terceira, desenvolta, provocan olhos sensuais e riso tentador, em quebros de volupia, disse ao moço:

—Serei franca, Nem sou tua noi nem tua amante. Sou um capricho. De mim não esperes amor sincero. Fa da *coquetterie*, a minha rêde. Atorm tar-te-ei constantemente e, nos ardis

dução, serás o meu escravo. Enquanto e aprouver, serei tua, depois...

Convem-te?

A primeira rapariga sentou-se numa dra e começou a chorar; a segunda, m gesto de indiferença, afastou se; a rceira soltou uma gargalhada e deitou fugir.

Pois foi atrás desta que o moço coru!...

E' singular, não é verdade?

Já os gregos, nos tempos heroicos, sim, pensavam.

Porque se deu a guerra de Troia, essa ção curiosa que encantou os melhores nios da antiguidade?

Celebravam-se, no Olimpo, as nupcias Tetis e Peleu. Os deuses, presidos por Jupiter, banqueteavam-se em nra dos recem casados e a deusa da scordia, que, sempre, faz das suas, nçou, na mesa do festim, um pômo ouro com a inscrição: *A' mais la*.

Minerva, Juno e Venus, julgando-se mais formosas, disputaram, entre si, pômo. Pediram árbitros e Jupiter eslheu a Páris, filho de Priamo, rei de roia. Cada uma das pretendentes prorou, por sua vez, subornar o juiz.

Minerva segredou-lhe:

— Se me preferes, terás a maior sadoria do Universo e repara que não joia de maior preço que a sciencia. o melhor dos tesouros; não está suito ás contingencias do destino; acomnha-nos até a morte.

Juno observa-lhe:

— Dar-te-ei as maiores riquezas da erra e nota que, ao ouro, nada resiste. rigem de todo o bem estar, é, êle, inspensavel á existencia. Preféreme e rás feliz.

Venus, sem mais preambulos, segrelhe:

— Terás a mulher mais bela em troca pômo precioso.

E Páris, rejeitando saber e ouro, eslhe a mulher mais bela!...

Onde encontra-la, porêm?

Na Grecia, a célebre Helena, casada m Menelau, rei de Sparta.

Páris veiu, de viagem, á Lacónia, hosda-se em casa do monarca spartano e pta-lhe a esposa com a maior sem-cemonia. Esta deslialdade levou as aras gregas a Troia que foi vencida, por aição, depois de um cêrco de dez os.

No conto, *Os três caminhos*, uma digação imaginosa, talvez, um sonho; guerra de Troia, uma lenda, através séculos, celebrada em obras de mastral literatura.

Num e noutro caso, o mesmo pensaento, a mesma inclinação.

* * *

Mas a que proposito veem estas duas passagens tão eloquentes da fraqueza humana?

Justamente, para dar a conhecer que o homem, impulsionado por duas forças poderosas, — a da razão e a da paixão, raras vezes, obedece á primeira; é escravo da segunda.

A tradição bíblica já nos diz que o ser humano é a quebradiça argila, o miseravel barro damasceno, na linguagem do grande poeta, e, portanto, naturalissimo que a fraqueza seja a força e a força a fraqueza.

Mesmo, se viver é amar, como amar é viver, que admira que os triunfos da parte sensitiva sejam superiores aos da racional?

A humanidade, na sua vida de séculos, nos dá, repetidas vezes, a conhecer que o artificio da paixão *omnia vincit*.

Não foi o heroi do Eden tentado pela sua companheira? E não sucumbiu miseravelmente arrastando, na quéda, a sua descendencia?

Não seria Sansão vencido por Dalila como Antonio por Cleópatra?

No entanto, o que é para lamentar é que o sentimento ruim, a inclinação má obscureçam, não diremos já a lucidez do espirito, mas a sentimentalidade pura, nobre, levantada que, longe de aviltar, orgulha e enaltece.

Esse sentimento, que faria, do personagem de Ginisty, um feliz pelo amor da familia e do principe troiano uma mentalidade superior pelas promessas de Minerva, foi obliterado e substituido pela paixão, origem de todos os males. E, observe-se que não é, apenas, a lubricidade mais ou menos irresistivel, dominadora que impulsiona, mas a ambição, o egoismo, todo o pendor, enfim, fatal que faz do pretenso rei da Criação um vime, dobrando-se á mercê de mil fraquezas.

No momento actual, temos a prova bem evidente da afirmativa.

A Europa inteira retalha se com furia tigrina; as mais importantes nações do Universo chocam-se num prélio sem precedentes. Depois de um trabalho de séculos, em que a humanidade, á custa de gigantescos esforços de inteligencia e de estudo, consegue preparar uma civilisação brilhantissima, ambições insofridas explodindo temerosas, em breves horas, tudo aniquilam e dão a conhecer, ao rubro dos incendios, ao trovejar do canhão, que o homem, afinal, é a mais terrivel das bestas ferozes.

A sua tão apregoada cultura de espirito, muito principalmente, no que respeita a educação moral, não passa de um leve verniz, lustrando negruras e que, facilmente, estala deixando vêr a hediondez.

E' notar a facilidade extrema com que a cortezia, a afabilidade se destemperam, no momento em que, ao de leve que seja, se sintam feridas. A máscara cái e a ferro e a fogo, e, não raro, depois de um supurar de infamias, o que, momentos antes, era a finura, a delicadeza do *gentleman* se transforma na insolencia do brigão ou na ferocidade do selvagem.

Procura, pela violencia, em vez dos meios suasórios, civilisados, liquidar as chamadas questões de honra, descendo, por conseguinte, ao processo do irracional que só conhece a brutalidade da força.

Que outra cousa é o duelo senão essa tendencia doentia para um animalismo de selvas, com a agravante do uso da arma, isto é, do extravio da razão que inventou o instrumento necessario de defeza dos perigos naturais, para o manchar no homicidio criminoso?

De quando em quando, ouvem-se vozes que, em frase eloquente, como a de *abri uma escola e fechareis um cárcere* do eminente Vitor Hugo, clamam contra as tendencias do crime, opondo-lhes a instrução que julgam ser a pedra filosofal, o meio unico de enfrear o impulso pecaminoso; mas tais brados são verdadeiros delirios de almas ingénuas, embora superiores.

Quantos espiritos esclarecidos não transgridem e se não lançam na senda do delito? E quantas vezes, até, a inteligencia cultivada não é o grande factor do crime preparado fria e calculadamente?

Mais alguma cousa seria necessaria para a perfectibilidade humana que a simples cultura mental. O mestre, infelizmente, transmite, apenas, a noção scientifica, enriquece o cérebro e descura, por uma indiferença injustificavel, ou por uma orientação falsissima, a cultura do sentimento, a preparação do caracter nos moldes da sã justiça, do bem entendido dever.

O legislador, mesmo, não se preocupa com esta questão da mais alta importancia; organisa o ensino com feição meramente diadactica, reservando, talvez, para os cuidados paternos o preenchimento da lacuna, não se lembrando que os pais, educados pelo mesmo sistema, não poderão dar o que não receberam.

Lamentavel imprevidencia!

Os resultados são óbvios.

Progride-se? Não. Retrocede se, á luz de uma avariada civilisação, de um fementido progresso!

...E viver meio século para chegar a esta desoladora conclusão!...

Se não dá vontade de morrer, como dizia Herculano, dá, pelo menos, vontade de fugir... e para bem longe.

DAMASCENO NUNES

AOS LEITORES

Endereçando aos nossos queridos leitôres, assinantes e anunciantes, afectuosas felicitações, emos o prazer de lhes anunciar a bôa-nova duma proxima remodelação na secção artistica e literaria e secção noticiaria, da Revista. Não nos poupamos a esforços para bem servir o publico que antas e tantas provas de apreço e carinho, momento a momento, nos dispensa. Arrostando com odas as contrariedades, vencendo todas as dificuldades, proprias dos tempos que decorrem é-nos rato reconhecer que sabemos sempre cumprir pundonorosamente a nossa missão. O «Occidente» ende assim homenagem respeitosa aos seus numerosos amigos e leitores.